

**REMATE
DE MALES**

35.2

Revista de Teoria e História
Literária



UNICAMP

Campinas - SP
Jul./Dez. 2015

Remate de Males: Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, n. 1 (1980.)

Publicação Semestral a partir de 2005
ISSN 103-183X (impresso) - ISSN 2316-5758 (online)

1. Literatura – Periódicos. I. Departamento de Teoria Literária - Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem.

CDD 805

PUBLIEL – Publicações IEL
Revista *Remate de Males*, Publicações, Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571,
Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, 13083-859 – Campinas-SP, Brasil.
Fone/Fax: (0xx19) 3521-1528
E-mail: remate@iel.unicamp.br – <http://iel.unicamp.br>

Indexada em / Indexed in:

Russian Academy of Sciences Bibliographies, Linguistics and Language Behavior
Abstracts (Online), Latindex, MLA/International Bibliography (USA),
Ulrich's International Periodicals

PEDE-SE PERMUTA / Exchange requested / Se solicita canje /
Wir bitten um Austausch / On demande l'échange / Si chiede lo scambio

Conselho Editorial

Antonio Dimas (USP) - Bertold Zilly (Freie Univ. Berlin) - Carlos Augusto Calil (USP)
- Edson Rosa da Silva (UFRJ) - Eduardo Subirats (NYU) - Ettore Finazzi-Agrò (Univ.
La Sapienza di Roma) - Fábio Lucas (UBE) - Joaquim Brasil Fontes (Unicamp) - Jorge
Ruedas de la Serna (Univ. Nac. de México) - Julio Castañon Guimarães (FCRB) - Lucía
Melgar (El Colegio de México) - Luiz Costa Lima (UERJ, PUC/RJ) - Luiz Dagobert de
Aguirre Roncari (USP) - Maria Rosa Menocal (Yale Univ.) - Mónica Marinone (Univ.
Nac. de Mar del Plata) - Paulo Moreira (Yale Univ.) - Rita de Grandis (Columbia Univ.) -
Roberto Schwarz (CEBRAP) - Sergio Miceli (USP) - Silvia Cárcamo (UFRJ)

Comissão Editorial

REMATE DE MALES

**Imaginação e
literatura**

Organizadora do volume:

Cristina Henrique da Costa

REMATE DE MALES

Revista de Teoria e História Literária
Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP

Remate de Males é uma publicação semestral do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Aceita artigos preferencialmente em português, mas também em espanhol, inglês e francês. Os trabalhos, acompanhados de resumos, serão submetidos ao Conselho Editorial. As opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores.

O título da revista reproduz os tipos usados no anterresto
da edição original da obra deste nome de Mário de Andrade (S.P., 1930)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: José Tadeu Jorge

Vice-Reitor: Alvaro Penteado Crósta

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: Flávio Ribeiro de Oliveira

Diretor-Associado: Jefferson Cano

PUBLICAÇÕES-IEL

Coordenadora: Orna Messer Levin

Equipe Editorial: Esmeraldo A. Santos, Alexandria Leme, Nivaldo Alves

REVISÃO

Marcella Abboud

REVISÃO TÉCNICA

Cristina Henrique da Costa

Sumário

- 279 Apresentação
- 285 *A geografia da imaginação*
Kelvin Falcão Klein
- 301 *Literatura, História e Imaginário:
a viagem de Vasco da Gama revisitada por Mário Cláudio
Daniel Vecchio*
- 325 *William Blake e Fernando Pessoa: Poésis e complexidade*
Nize Maria Campos Pellanda, Sandra Regina Simonis Richter
- 351 *Tratado das perversões*
Alvaro Cardoso Gomes
- 373 *O rumor da língua de Marcos Siscar*
Milena Magalhães
- 393 *A hermenêutica crítica de Paul Ricœur Posta à prova da
imaginação feminina*
Cristina Henrique da Costa

419 *L'épreuve de la métaphore : éléments pour une critique du discours philosophique*
Jean-Luc Amalric

Resenhas

445 PELLEGRINI, Domingos. *Minhas lembranças de Leminski*. São Paulo: Geração Editorial, 2014
Ricardo Gessner

451 Informações biobibliográficas

455 Abstracts

Apresentação

A chamada do número 35 v. 2 da Remate de Males, intitulada *Imaginação e literatura* tinha um duplo objetivo. Por um lado, tratava-se de sugerir que uma renovação dos significados do próprio termo de *imaginação* estivesse em curso na cena atual da teoria literária. Por outro lado, tratava-se também de investigar como novas concepções de *imaginação* poderiam estar determinando o rumo de pesquisas realizadas concretamente na órbita do campo literário. Num primeiro sentido, a pergunta apontava para a definição: “o que estamos chamando de imaginação?”, e num segundo sentido, acenava para a aplicação: “a imaginação é uma chave relevante para a pesquisa na área?”. A dificuldade de definir a imaginação, assim como a de usar a imaginação enquanto ferramenta crítica formavam o âmago da proposta.

O uso frequente do termo *imaginação*, muitas vezes substituído por outros, tais que “imaginário”, “fantasia”, “mito” ou “simbolismo” denota certa polissemia que traduz, sem dúvida, uma dificuldade real. Por um lado, a passagem pelo discurso filosófico, onde tradicionalmente se elabora o conceito de imaginação, parece necessária. Ora como faculdade produtiva – se pensarmos no criticismo de Kant e seus desdobramentos modernos e contemporâneos –, ora como faculdade de ilusão e de ficção – se nos referirmos às tradições racionalistas que, de Platão a Descartes e Hegel a desvalorizam, a imaginação sempre preocupou os filósofos. Por outro lado, a imaginação aflora no discurso teórico, hermenêutico, crítico e literário. De Novalis a André Breton – passando por Baudelaire –, a imaginação pode ser um prisma interessante para discutir com a genealogia, a psicanálise, a teoria crítica, o estruturalismo, a semiótica, a desconstrução, o existencialismo ou a fenomenologia.

Produtiva ou enganosa, a imaginação possui também vocação crítica e hermenêutica. Como mostrou Bachelard já no ensaio *A psicanálise do fogo*, uma imaginação devidamente criticada pode tornar-se ela mesma uma potência de investigação crítica. É esta ferramenta esclarecida, capaz de inventar novos modos de ler literatura, propiciando a necessária distância em relação às ideologias de leitura, mas também possibilitando a necessária proximidade com os textos em si, que está em debate. A expectativa é que a imaginação possa ser vista como contribuição decisiva para a reorganização do espaço das relações contemporâneas entre crítica e criatividade, equidistante de uma experiência sensível alienante e de uma argumentação teórica muito abstrata.

No âmbito desta reorganização, Kelvin Falcão Klein realiza um trabalho definidor essencial. Seu artigo associa à imaginação a complexidade da diversidade e a síntese da definição, e lembra que o título escolhido, “*Geografia da imaginação*”, é tomado emprestado de seu próprio objeto, uma conferência de Guy Davenport, que a publicou posteriormente numa coletânea de ensaios com o mesmo nome. Por ocasião de sua leitura pública, a *Geografia da imaginação* de Davenport congregou, entre outros ouvintes, uma plateia de geógrafos e de fisiologistas que pesquisavam o cérebro. Para além da anedota em torno do “título ambíguo que faz maravilhas”, o essencial é que qualquer apresentação sobre a imaginação começa por contar com a própria capacidade de imaginação da plateia. E é mesmo assim: a imaginação desenvolve sua lógica de apropriação, identificação e diferenciação com espírito crítico próprio. Por isso, entre o recorte concreto do real – por exemplo, a divisão do Novo Mundo, “absurda, inimaginável, onírica” – e a imaginação geográfica de Edgar Allan Poe, legível na mescla de grotesco com clássico e arabesco, uma aproximação imaginativa não só é possível como desejável. Pelo mesmo caminho, a história da arte pode ser vista como história de linguagens imaginativas que articulam a experiência nas falhas da dialética hegeliana. O artigo convida então à ideia de cartografia em aberto e propõe considerar a imaginação como desdobramento de criatividade.

À ponte entre texto e realidade dedica-se Daniel Vecchio no artigo “*Literatura, História e Imaginário: a viagem de Vasco da Gama revisitada por Mário Cláudio*”. Por um lado, com o *Roteiro da Viagem que em Descobrimto da Índia pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497*, e por outro lado, com a narrativa *Peregrinação de Barnabé das Índias*, de Mário Cláudio, trata-se de mostrar por quais mecanismos de imaginação poderia hoje passar o processo de construção da narrativa histórica. Toma-se o exemplo de Vasco da Gama para ressaltar que a referida

relação de viagem – gênero em princípio realista –, não foi sequer escrita pelo Capitão-mor, e nela, como em tantas outras, as articulações entre ver, tomar posse e ler não eliminaram as projeções culturais e imaginárias. O interessante resultado é que a ocultação paradoxal da biografia concreta de Vasco da Gama na relação de Álvaro Velho, perpetuada pela historiografia posterior, é um fenômeno de idealização que abre espaço, justamente, para a narrativa ficcional de Mário Cláudio. Inversamente, para desconstruir a imagem mítica de Vasco da Gama, o escritor lança mão de certa investigação verdadeiramente histórica sobre o imaginário da época. O resultado deste confronto entre os efeitos ficcionalizantes do real histórico e os efeitos realistas da ficção é que ambos provêm da estrutura dual da imaginação, ora crítica das ideologias de uma época, ora receptiva aos efeitos históricos concretos de um imaginário. Sugere-se aqui a renovação do estatuto da narrativa histórica pelo ângulo de uma imaginação com valor heurístico, pois que Vasco da Gama, com seus monstros e hidras, não deixa de devolver “à realidade representada, a nossa originalidade irracional tão inquietante, histórica e, sobretudo, sociológica”.

A nossa originalidade irracional, agora entendida como qualidade ontológica, é alvo do questionamento de Nize Maria Campos Pellanda e Sandra Regina Simonis Richter que em “*William Blake e Fernando Pessoa: poíesis e complexidade*” chamam a atenção para aquilo que para elas pode ser indiferentemente a dimensão existencial da interpretação ou a dimensão interpretativa da existência. Se, por um lado, os dois poetas do título estão aqui para atestar a existência da imaginação poética, por outro lado, o conceito de *autopoiesis* é sugerido como tentativa de ultrapassagem ontológica da cisão entre vida e linguagem. Valendo como sintoma de nosso desconforto em lidar com a ideia de racionalidade, o artigo apenas sugere que a imaginação, sob diversas formas, possa dar acesso à dimensão de complexidade da existência.

É também pelo prisma da complexidade das perversões sexuais que Álvaro Cardoso Gomes analisa *Espelhos gêmeos* de Péricles Prade no artigo “*Tratado das perversões*”. A exploração literária de certas práticas desviantes é aqui configuradora de um imaginário – neste caso específico, um imaginário tipicamente pautado pelo prazer dos desvios em relação à missão fálica da sexualidade. Imaginar define-se então tanto como praticar o desvio em relação a certa norma não discutida, quanto como representar as perversões em suas múltiplas realizações, num processo de sublimação que culmina, para o autor do artigo, no conto “Marcel enquanto joga”. A partir desse ponto da análise, trata-se, consoante às teses da psicanálise freudiana, de vincular o processo de sublimação às forças animalescas

que o provocam, e à escrita literária onde ele se humaniza. Em ambos os registros, a imaginação comparece, ora como faculdade de negação do real natural – pois Marcel prefere jogar xadrez a gozar sexualmente da mulher nua, sentada em frente dele –, ora como faculdade de estetização do real – pois o conto é justamente a proposta de substituição metafórica de um gozo por outro.

Talvez também estejamos falando de substituição de um gozo por outro com Milena Magalhães em “*O rumor da língua de Marcos Siscar*”. Neste artigo de cunho ensaístico afloram tensões vinculadas claramente a questões teóricas, chamando a atenção especialmente as que giram em torno do paradoxo da existência do texto poético. O problema que move o artigo é o da origem que começa no fim – isto é, o do texto que a institui como ficção –, obrigando a trabalhar com aquilo que não deixa de ser uma generalidade abstrata (o autor ausente como origem). De certa forma, a leitura precisa lidar com a frustração imaginativa, e Milena Magalhães responde, lendo e apostando na existência de uma língua de Marcos Siscar, visível no estilo “atravessado” do poeta. A fuga da alternativa entre segredo e silêncio ou entre dizer e não dizer produziria, em suma, um rumor da língua. Sem dúvida, é preciso reconhecer no texto as marcas de uma “desmobilização de cultura”, segundo as palavras de Derrida. Porém nas paragens da morte do leitor, parece que a questão é saber se o autor, via rumor do texto, assume também para si a morte derradeira, fazendo-se ou não leitor. O artigo situa então a proposta de leitura de Siscar ao plano da experiência histórica, onde se coloca mais agudamente a questão da destinação – ou do endereçamento –, do poema-carrapicho: enquanto planta sem dentro e fora ou com dentro e fora, o carrapicho pode parecer preso aos paradoxos retóricos do texto. Mas tudo muda se ele for muda de um jardim francês: o carrapicho pode então virar flor que se cultiva para outra cultura. A leitura de Milena Magalhães, fundamentada na dinâmica imaginativa desta eventual metamorfose, busca objetivações legíveis – o poema de Siscar, Derrida, a herança histórica – para indagar pela intersubjetividade. E conclui: “mais de um está implicado no 'estamos de novo só'”.

A questão da herança histórica está no cerne do meu próprio artigo: “*O que as mulheres ganham com a hermenêutica crítica de Paul Ricœur?*” Ali, procurou-se mapear algumas das inúmeras possibilidades de aproveitamento dos conceitos da filosofia ricœuriana para definir a imaginação em literatura pelo ângulo do texto de mulher. A começar pela precisa definição do caráter hermenêutico da própria filosofia, cujo trabalho, indissociável de um solo mundano não filosófico, está familiarizado com a prática da interpretação sem totalização, articulada

porém à dimensão existencial. Neste sentido, as objetivações concretas do feminino, isto é, a herança histórica, não impedem que uma identidade criativa, definida por Ricœur como narrativa, venha a emergir. Entre os elementos que situam um sujeito, formando o acervo simbólico que constitui a herança a partir da qual ele se lê e interpreta, estão também os textos e obras da literatura, os quais são no artigo alvo de especial atenção. Promovendo uma discussão sobre o grau de reconhecimento da autoridade do texto que seria desejável para dar voz à literatura de mulher, o artigo aborda a filosofia de Ricœur propondo aplicar ao próprio texto de Ricœur o método da hermenêutica crítica, com o objetivo de mostrar que a leitura feminista não pode prescindir de sua própria interpretação, nem se desfazer do espaço de *conflito das interpretações* que lhe é favorável. A conclusão é que o poder de resistência do feminino se valoriza à luz da imaginação poética, e convida a pensar os limites da dialética do distanciamento e da recoleção de sentido.

Enfim, Jean-Luc Amalric, em “*L'épreuve de la métaphore: éléments pour une critique du discours philosophique*”, constatando a desvalorização da metáfora que ocorre em várias filosofias do século XX - Heidegger, Merleau-Ponty e Deleuze - mostra que o descrédito deve-se a certa concepção fraca da metáfora, herdada ainda da retórica clássica, e identificada então com a metafísica. Para o autor, é urgente repensar a metáfora para situar melhor a filosofia na contemporaneidade, enquanto discurso inacabado sem perspectiva de totalização da realidade. Paul Ricœur, diz Jean-Luc Amalric, recusou que a filosofia pudesse prescindir de uma reflexão sobre os métodos do conhecimento, como ocorre com a “via curta” da ontologia de Heidegger, o qual afirma a existência de um acesso direto à compreensão como modo do ser. Porque para Ricœur há, na experiência viva do ser, o duplo estranhamento de uma vivência afetiva e de uma linguagem indireta, simbólica e metafórica, o filósofo reconheceu a necessidade de “enxertar a hermenêutica na fenomenologia”, ancorando então o próprio discurso filosófico no solo da não filosofia. Entretanto, repensar a metáfora é mostrar também, para além deste ancoradouro, que ela possui uma dimensão lógica: é ato de discurso, predicação impertinente, força de inovação semântica, irredutibilidade ao literal. E como tal, não está presa ao sensível, ao afetivo e à imagem, como se vê pelo seu uso poético, quando o que domina não é a figura retórica da substituição, e sim o trabalho utópico de subversão da semelhança.

Sendo assim, o discurso filosófico prossegue, com seu trabalho de argumentação, ao mesmo tempo que se configura como misto de metáfora e conceito, mas é preciso atentar aqui para a proposta originalíssima de definição da imaginação. Comece-se dizendo que, para o autor do artigo, a

filosofia *produz* um conceito de imaginação, ao mesmo tempo que *se apoia* num trabalho de imaginação poética, e que *aplica* a própria imaginação como método e faculdade de conhecimento. Sob forma de *imaginação simbólica*, a imaginação é o lugar da mediação imaginativa pela qual todos passamos e tudo passa: é condição de acesso à passividade do afeto, à narrativa mítica, ao texto de ficção, da tradição, da própria filosofia, à imagem poética, à história coletiva e individual. Sob forma de suspensão da verdade, de negação, e mais radicalmente de destruição do mundo, a metáfora rompe com a linguagem ordinária, com sua significação literal, com a referência ostensiva, e libera uma referência metafórica de segundo grau, revelando uma *atividade ficcional da imaginação* que vale tanto para a criatividade poética quanto para a especulação. Nossa imaginação produtiva tem historicidade e dá-se o tempo todo como atividade tensional entre estes dois polos, o da *arché* simbólica e o do *telos* ficcional, em suas diversas formas: afeição e auto-afeição, receptividade e iniciativa, ideologia e utopia. A filosofia, definida então como interpretação de si, precisa também ser crítica para enfrentar as possíveis ilusões da imaginação. Esta tarefa infundável da dialética imaginativa é o que o artigo convida a aproveitar para pensar também o estatuto do discurso da teoria literária.

Mencione-se ainda a resenha de Ricardo Gessner sobre o livro de Domingos Pellegrini: *Minhas lembranças de Leminski*.

Cristina Henrique da Costa